

Débora Bendocchi Alves

Colhedores de café

**Cartas dos imigrantes alemães publicadas
nos jornais da Turíngia**

2006

Agradecimentos

A realização destas traduções foi possível graças à colaboração de Michael e Magda Faust que, pacientemente, me ajudaram a suplantar as dificuldades advindas do idioma alemão do século XIX.

Agradeço ao Prof. Dante Martins Teixeira pelo incansável auxílio em buscar na língua portuguesa a nomenclatura científica e popular das várias espécies vegetais e animais citados ou descritos pelos imigrantes.

Agradeço também à Giulle da Mata e à Dra. Lígia Ferreira pela revisão cuidadosa deste trabalho conseguindo eliminar do meu português o que é próprio da língua germânica.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram e incentivaram a levar adiante este projeto.

Para Béatrice e Julian, Deo e Júlia.

Colônia, abril de 2006

Índice

I. Estudos Preliminares

1. Introdução	7
2. Günther Fröbel e os seus jornais.....	24
2. a. <i>Allgemeine Auswanderungs-Zeitung</i>	25
2. b. <i>Fliegende Blätter für Auswanderer</i>	34
2. c. <i>Rudolstädter Wochenblatt</i>	37
3. As Colônias de parceria no Rio de Janeiro e em São Paulo e as notícias nos jornais de Fröbel.	39
3.a. As Colônias do Rio de Janeiro	39
3. b. As Colônias de São Paulo	43
4. O papel desempenhado pelas cartas no movimento emigratório	50

II. As cartas publicadas

63

Bibliografia e Fontes	163
-----------------------------	-----

Estudos Preliminares

1. Introdução

Nas pesquisas que realizei no Arquivo do Estado da Turíngia, encontrei casualmente diversas cartas de emigrantes publicadas nos jornais da cidade de Rudolstadt, os mesmos de propriedade de Günther Fröbel, especializados em emigração como o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, o *Pilot*, o *Fliegende Blätter für Auswanderer* ou o *Rudolstädter Wochenblatt*. Este último, um periódico que, apesar de não tratar exclusivamente do assunto, possuía uma seção destinada à questão. Dentre estas cartas, encontrei 9 provenientes das fazendas de café fluminenses e 11 outras vindas das fazendas paulistas.¹ São cartas publicadas entre os anos de 1852 e 1860 - portanto num período que compreende o início do sistema de parceria até dois anos após a revolta na Fazenda Ibicaba - e utilizadas pelos jornais como meio de incentivo à emigração. Escritas por emigrantes aos seus parentes, as cartas despertavam a confiança dos interessados já que, no entender dos leitores, não se tratava de artigos propaganda de companhias de navegação, de sociedades de colonização, de governos ou agentes, ou mesmo de colonizadores. Em resumo, não eram escritas por pessoas ou organizações com interesses comerciais no movimento migratório, mas por camponeses ou artesãos. Vinham, portanto, numa linguagem simples e acessível, relatavam experiências pessoais, especialmente úteis para aquelas pessoas interessadas em emigrar e que certamente compartilhavam da mesma visão de mundo dos remetentes.

As missivas eram extremamente apreciadas e despertavam confiança nos leitores, fator importante quando se trata de motivar uma decisão, e seu papel como fomento à emigração já era conhecido, na época, não só por Fröbel, mas por muitos outros intelectuais que consideravam perigosa este tipo de informação. Suspeitava-se que as cartas pudessem ser manipuladas e mesmo inventadas por parte dos redatores de jornais que, em nome da

¹ As cartas provenientes das fazendas fluminenses foram publicadas apenas em português, num artigo escrito por mim para a Revista Brasileira de História, vol. 23, n° 45, 2003, p.155 -184. Há também cartas de imigrantes estabelecidos em Blumenau, São Leopoldo, Porto Alegre, Petrópolis etc, mas que, como tratam da imigração para um outro tipo de sistema de trabalho, não foram incluídas nesta seleção.

propaganda, distorceriam as informações ludibriando, assim, o público-leitor. A questão emergente é, pois, em que medida, podemos utilizar tais cartas como documento histórico e, em caso afirmativo, como abordá-las.

Devemos levar em conta que as cartas publicadas devem ser tratadas pelos pesquisadores de maneira diversa das não publicadas, pois, ao passarem da esfera privada para a pública, desempenham uma outra função, a de formar idéias, a de construir imagens de um país desconhecido. O que o futuro emigrante procurava nelas, eram informações que o ajudassem, de alguma forma, a superar as suas angústias frente à perspectiva de mudança para que assim pudesse escolher o país de seu destino. As informações contidas nessas cartas de depoimento pessoal são de cunho subjetivo, portanto eivadas de emoções. Paralelamente ao incentivo à emigração para as fazendas de café, no caso das 20 cartas aqui apresentadas, não deixam de fornecer informações preciosas e bem diversas das encontradas em outros tipos de documentação sobre o tema. Podemos afirmar, pela linguagem empregada, que foram redigidas por pessoas de baixa formação escolar e, graças a pequenos detalhes, depreende-se que as mesmas passaram pela experiência de se estabelecer numa colônia de parceria.² Como há poucos testemunhos das camadas sociais inferiores da Alemanha do século XIX, tais cartas vêm a ser 'as vozes dos atores' daquele fenômeno social e a sua maneira de ver a nova condição de vida. São fontes ricas para uma história social do movimento migratório no século XIX, mas não só. Analisadas como estratégia de propaganda para a emigração, ajudaram igualmente a criar uma imagem do Brasil e do sistema de parceria e, no caso das cartas aqui tratadas, uma imagem positiva desse sistema de trabalho e, por sua vez, do país em questão.

O sistema de parceria, empregado pelos cafeicultores paulistas e fluminenses a partir de meados do século XIX, é um tema bem estudado na historiografia, e vários trabalhos significativos foram publicados tanto no Brasil quanto na Alemanha e Suíça sobre aquela primeira tentativa de introduzir mão-de-obra livre no país.³ Suíços e alemães foram trazidos

² Veremos mais adiante que três cartas foram escritas por colonos cujos nomes constam na lista de imigrantes da Fazenda Santa Justa em Valença e uma quarta carta foi escrita por um turingio cujo nome encontra-se na carta escrita em 12 de março de 1857 por 19 turingios da Fazenda Ibicaba a Thomas Davatz. Anexo nº 10 in: Thomas Davatz: Memórias de um Colono no Brasil (1850); p. 279 - 280.

³Holanda, Sérgio Buarque de: *As colônias de parceria*; in: Holanda, S. B. (org.): *História Geral da Civilização Brasileira*, Tomo II, vol. 3. 1976; Prefácio do livro de Thomas Davatz: Memórias de um colono no Brasil ... 1858. Viotti da Costa, Emília: *Da Colônia à Senzala*. São Paulo ... 1982. Lamounier, Maria Lúcia: *Da escravidão*

pela Firma Vergueiro a partir de 1847 para trabalharem nas fazendas de café substituindo, em parte, o escravo.⁴ Não é nosso intuito neste trabalho analisar o sistema de parceria nem tampouco abordar as razões do seu fracasso, mas sim, ressaltar alguns fatos que suscitaram discussão na imprensa alemã em meados do século XIX, isto é, logo após a revolta dos colonos suíços na Fazenda Ibicaba, município de Limeira, propriedade do Senador Vergueiro, ocorrida em fins de 1856, início de 1857 e com isso, possibilitar uma maior compreensão das cartas dos emigrantes publicadas nos jornais de Rudolstadt.

A publicação em 1858, na Suíça, do livro do mestre-escola Thomas Davatz que foi colono em Ibicaba, organizador e porta-voz dos seus colegas⁵, fez com que o debate na imprensa alemã inflamasse e as conseqüências para a imagem do Brasil como país de emigração fosse totalmente abalada. O Rescrito von der Heydt⁶, promulgado pelo governo prussiano em 1859, proibiu em seu território a propaganda e toda a atividade dos agentes ligados à emigração para o Brasil, até mesmo para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde a imigração possuía características totalmente diferentes das encontradas nas províncias do centro-sul.⁷ Antes da

ao Trabalho Livre ... 1988. Dean, Warren: *Rio Claro: A Brazilian Plantation System, 1820 - 1920* ... 1976. Hall, Michael: *The origins of mass immigration in Brazil, 1871 - 1914* ... 1969. Ziegler, Béatrice: *Schweizer statt Sklaven. Schweizerische Auswanderer in den Kaffee-Plantagen von São Paulo (1852 - 1866)* ... 1985. Wagner, Reinhardt: *Deutsche als Ersatz für Sklaven. Arbeitsmigranten aus Deutschland in der brasilianischen Provinz São Paulo 1847 - 1914* ...; 1995. Sobre a opção dos cafeicultores paulistas pelo trabalhador europeu ver: Azevedo, C. M. Marinho de: *Onda negra, medo branco. O Negro no imaginário das elites - Século XIX*...

⁴ Nas fazendas onde o sistema de parceria foi adotado, o trabalho escravo não foi eliminado. Em Ibicaba por exemplo, havia ainda 215 escravos em 1847. De fato, o que havia era uma certa divisão do trabalho. O preparo do solo para o plantio dos novos pés e o processamento do café eram, normalmente, executados pelos escravos. Já o cultivo e a colheita ficavam a cargo dos colonos parceiros; Lamounier: *Da escravidão ao trabalho livre* ... p. 32. Segundo Alencastro, não houve de imediato, com a imigração do proletariado europeu, uma mudança no mercado de trabalho da região cafeeira nem no sistema agrário das províncias do centro-sul. Para ele, a imigração de europeus impediu a concorrência da força de trabalho entre as diferentes regiões do Império fazendo com que a oferta potencial de trabalho existente no interior do país não se tornasse efetiva. Sobre a relação entre imigração, mercado de trabalho 'desterritorializado' e estabilidade do sistema monárquico, ver o artigo de Luiz Felipe de Alencastro: 'L'empire du Brésil'. In: Duverger, M. (org.): *Le concept d'empire* ...

⁵ Davatz, Thomas: *Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz São Paulo und deren Erhebung*... Thomas Davatz emigrou com a sua família para o Brasil na primavera (européia) de 1855; Davatz: *Memórias de um colono no Brasil* ...; p. 48.

⁶ O Barão von der Heydt (1801 - 1874) foi Ministro do Comércio, Indústria e Trabalhos Públicos no Ministério Prussiano de Brandenburg - Manteuffel; Brockhaus Konversations Lexikon, Leipzig 1902.

⁷ Havia duas correntes distintas em relação à política imigrantista empreendida pelo Estado. Uma que defendia a imigração para substituir, nas grandes propriedades, a mão-de-obra escrava, e a outra preocupada com a formação de um povo 'branco e civilizado' que viesse cultivar, em pequenas-propriedades, o solo do país e povoar o vasto território; Viotti da Costa: *Colônias de parceria na lavoura de café: primeiras experiências*'; in: Viotti da Costa: *Da Monarquia à República* ... p. 162-193; Alencastro e Renaux: *Caras e modos dos migrantes e imigrantes* ...; p. 292 - 294.

revolta em Ibicaba, alguns intelectuais alemães receavam que os imigrantes-parceiros acabassem se tornando escravos dos cafeicultores devido as suas dívidas, criticavam o sistema de trabalho, o conteúdo do contrato etc. Entretanto, após o levante, muitos passaram a condenar totalmente a emigração para o Brasil, apontando vários aspectos que dificultavam o desenvolvimento do emigrante europeu em terras brasileiras tais como a atitude do governo e das demais autoridades do país para com os imigrantes, a política imigratória em geral, as leis existentes e a sua má aplicação, e, por fim, o 'caráter' dos brasileiros, que seriam favoráveis à escravidão.⁸ Para muitos alemães, o Brasil nunca despertou um sentimento de confiança em relação a sua política imigratória e alguns episódios envolvendo imigrantes alemães como as promessas de Schäffer (1821), o caso dos alemães transportados pela Casa Delrue de Dunkerque (1845), a má sorte dos colonos em Mucuri e Macaé (1846/47), o destino dos soldados alemães do Batalhão de Estrangeiros de 1851 (os 'Brummer'), as epidemias de febre amarela (1852) e de cólera (1855/56), o não reconhecimento por parte das autoridades brasileiras dos casamentos protestantes e mistos, a tão discutida Lei de Terras (1850) e o trabalho escravo ainda existente, eram provas concretas de que o país não tinha condições de receber os alemães.⁹

No Brasil, a revolta dos colonos suíços mobilizou tropas imperiais e diversas investigações foram feitas por parte das autoridades brasileiras e dos enviados diplomáticos suíços.¹⁰ Os pareceres dos representantes do governo suíço, Dr. Heusser e J. J. von Tschudi, foram publicados e divulgados na imprensa suíça e alemã¹¹ e, como já mencionei, vários outros artigos contra a emigração alemã para o Brasil apareceram nos jornais da época. A Firma Vergueiro tentou defender-se das acusações, para assim salvar sua imagem e, principalmente,

⁸ Ver, por exemplo, o artigo *„Brasilianische Menschenjagd in Deutschland“*, *Illustrierte Zeitung*, Leipzig, 17. April 1858, Nr. 772; Sobre esse jornal e artigo, Bendocchi Alves: *Das Brasilienbild ...* p. 93 - 114.

⁹ Sudhaus, Fritz: *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien. ...*; p. 55-59, 64, 67, 75, 88, 91, 92. A Lei de Terras foi promulgada a fim de restringir o acesso dos imigrantes às terras públicas impedindo-os assim de se tornarem pequenos-proprietários e obrigando-os a se empregarem nas fazenda. Viotti da Costa: *'Política de terras no Brasil e nos Estados Unidos'*; in: Viotti da Costa: *Da Monarquia à República ...* p. 139 - 161.

¹⁰ Ch. Heusser e J. J. von Tschudi, este último, ministro plenipotenciário no Brasil nomeado pela Confederação Helvética. Por parte do Brasil, fora enviado a visitar as colônias, o Desembargador Manoel de Jesus Valdetaro. Ver: Ziegler, op. cit. cap. IV.

¹¹ *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, Nr. 46, 13. November 1857, *'Der Bericht des Herrn Dr. Heusser'* (segue nos números 47, 48, 49, 50, 51). *'Die Mission des Dr. J. Freiherrn von Tschudi'*, Nr. 11, 16. März 1860,



1. Rudolstadt. Praça do Mercado, 1870

seus negócios, utilizando os próprios jornais alemães para inserir artigos que 'esclarecessem' o conteúdo dos contratos de parceria e a atitude da firma perante as queixas dos colonos.¹² Esforços por parte do governo brasileiro para melhorar a imagem do país também foram feitos como, por exemplo, a publicação em 1863 do livro de Joseph Hörmeyer, explicando a política imigratória brasileira tanto para as colônias no sul do país (pequena-propriedade) quanto para as fazendas de café (sistema de parceria).¹³ Mas os efeitos foram mínimos diante do grave dano causado à imagem do Brasil. Aos poucos, os cafeicultores foram abandonando aquele tipo de sistema de trabalho e substituindo-o pela locação de serviço e mesmo pelo trabalho assalariado.¹⁴ Por volta de 1862, dava-se por encerrada a experiência do sistema de parceria nas fazendas fluminenses e paulistas.¹⁵ Como consequência, a opinião alemã sobre o Brasil se dividia entre aqueles que consideravam o país inviável para seus emigrantes e aqueles, mais moderados, que achavam que o país ainda oferecia melhores oportunidades aos alemães mais pobres. **Mas, mesmo para estes últimos, o Brasil passou a ser dividido em dois: o sul, propício para os emigrantes alemães e o norte, isto é, de São Paulo para cima, inadequado aos europeus.**

Com a emigração em massa ocorrida nos Estados Alemães durante o século XIX, sobretudo a partir dos anos 40, surgiu uma série de jornais especializados na questão emigratória.¹⁶ Tratavam do assunto e davam informações precisas sobre os países de destino, data de partida dos navios, preço das passagens, leis de emigração e, em relação ao Brasil, sobre as colônias do sul e sobre o sistema de parceria. Eram jornais destinados a um público específico, com grande interesse em emigrar ou mesmo que já havia tomado a decisão e estava em busca de maiores instruções. Os dois mais importantes jornais especializados e de maior duração na Alemanha foram o *Deutsche Auswanderer-Zeitung* de Bremen, publicado entre 1852 e 1875,

¹² O *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* publicou nos dias 25 de abril, 2 de maio e 16 de maio de 1862 um artigo escrito por José Vergueiro, filho do Senador, com o título '*Die Schweizer-Kolonisten in Brasilien und das Haus Vergueiro*'. Lamounier, op. cit, p. 56, ressalta que a Casa Vergueiro e Theodoro & Cia. importaram 519 colonos europeus, em 1859.

¹³ Hörmeyer, Joseph: *Was Georg seinen deutschen Landsleuten über Brasilien zu erzählen weiß*. Leipzig, 1863.

¹⁴ Lamounier: op. cit. cap. II.

¹⁵ Viotti da Costa: *Da Senzala à Colônia ...*; p. 107. Lamounier nos fornece outras datas para São Paulo: em 1860 havia 29 colônias baseadas no sistema de parceria. Já em 1870 vegetavam apenas 13. op. cit, p. 55.

¹⁶ *Der Auswanderer*, Schneeberg, 1848-1851; *Hansa: Centralorgan für deutsche Auswanderung, Colonisation und überseeischen Verkehr*. Hamburg, 1852-1857; *Der Deutsche Auswanderer: Centralblatt der Deutschen Auswanderung und Colonisirung*. Darmstadt, ab 1848; *Der sächsische Auswandere*, ab 1850. *Deutsche Auswanderer-Zeitung*. Bremen, 1852-1875.

e o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* de Rudolstadt, fundado por Günther Fröbel e publicado entre 1846/47 e em 1871.

O jornal de Bremen, o *Deutsche Auswanderer-Zeitung*, estava a serviço do seu importante porto, pois o comércio transatlântico, durante todo o século XIX, dependia do transporte de emigrantes, sobretudo para os Estados Unidos. Este não foi o caso do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* impresso na pequena cidade de Rudolstadt, na Turíngia, distante de qualquer porto e fora das rotas de passagem dos emigrantes.

A cidade de Rudolstadt fazia parte, na época, de uma região pobre que havia sofrido muito com as mudanças econômicas e sociais ocorridas no século XIX na Alemanha. A pobreza e, principalmente, a falta de perspectiva para os camponeses e artesãos da região, fez com que muitos deles escolhessem a emigração como uma saída para a sua situação. Entre 1834 e 1870, emigraram 5.391 pessoas da região do Principado de Schwarzburg-Rudolstadt para o Novo Mundo sendo apenas de 12 a 15% para o Brasil. O auge do movimento emigratório da região foi entre 1851 e 1855 e, segundo as estatísticas, cerca de 850 - 900 pessoas se dirigiram ao Brasil entre 1852 e 1865.¹⁷ Os tecelões da região viviam em condições deploráveis pois a concorrência, não só com a produção industrial mas também com a importação de tecidos, era grande. Como não tinham condições ou capacidade para mudar os métodos de produção, as horas diárias de trabalho foram aumentadas, o trabalho familiar intensificado ou os salários reduzidos, fazendo com que a insatisfação e a tensão social se tornassem cada vez maiores.¹⁸ A emigração atingiu nesta região, predominantemente, as famílias mais pobres, com um número grande de filhos e sem recursos. Não tendo condições de arcar com as despesas necessárias

¹⁷ Sobre a emigração da região de Schwarzburg-Rudolstadt, ver: Ruhe, Rudolf. *Die Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert und ihre Beweggründe*. I. *Die Auswanderungsbewegung* 1834-1870. Rudolstädter Heimatsheft, Heft 11, 6 Jahrgang, nov. 1960, p. 269-277; II. *Die Beweggründe*. Heft 12, 6 Jahrgang, dez. 1960, p. 301-316.

¹⁸ Unbehau, L. , Feldrapp, R.: *Rudolstadt ...* p.17.



2. Rudolstadt. Vista da rua Töpfer com o Castelo Heidecksburg
ao fundo, 1860.

para a emigração, muitos escolheram o Brasil, pois os gastos com a viagem eram subvencionados pelo governo brasileiro ou no caso da Firma Vergueiro e da Associação Central de Colonização, adiantados, e os primeiros anos no país, garantidos. A possibilidade de ter os gastos com a viagem e os primeiros anos no Brasil assegurados através de empréstimo junto a fazendeiros ou à Associação provocou uma corrida daqueles desprovidos de capital à agência de Günther Fröbel, sobretudo dos provenientes da região da Floresta da Turíngia. Como as comunidades responsáveis pelos seus pobres e miseráveis tentassem resolver o problema sócio-econômico pagando a emigração desta gente, Fröbel logo se viu rodeado de representantes e funcionários locais.¹⁹ Alguns dados estatísticos podem fornecer uma boa idéia do significado da emigração para a região de Schwarzburg-Rudolstadt. Basta observarmos a variedade de vilarejos mencionados nas cartas dos emigrantes aqui apresentadas, para que possamos ver a perda populacional sofrida por eles. No período entre 1834 e 1870, a cidade de Rudolstadt, com uma população de 5.982, perdeu 3,1 % de seus habitantes com a emigração transatlântica. Blankenburg, no mesmo período, com 1401 habitantes, perdeu 8,9%; Bechstedt (na jurisdição de Königsee), com uma população de apenas 184 pessoas, perdeu 6,6%; Döschnitz perdeu 6,8% dos 350 habitantes; Melenbach 5,7% dos 872 moradores, Sitzendorf 8,4% dentre os 391 habitantes. A pequena aldeia de Fröbitz (não consta nas nossas cartas), na jurisdição de Blankenburg, teve sua população, de apenas 109 almas, reduzida em 23,8%!²⁰

O fato do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* ter sido publicado durante 26 anos em Rudolstadt não pode ser explicado somente pelos problemas sócio-econômicos enfrentados pela região pois havia outras zonas com problemas semelhantes ou ainda piores que não tinham uma 'imprensa' tão significativa. A fundação e a importância deste jornal se devem à pessoa de Günther Fröbel, um homem com idéias e objetivos precisos a respeito da situação sócio-econômica em que viviam os camponeses e artesãos dos Estados alemães.

¹⁹ Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert*. Rudolstädter Heimatheft, 4. Jg. 1958. p. 244 - 251.

²⁰ Ruhe, R.: *Die Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert und ihre Beweggründe*. Rudolstädter Heimathefte, Heft 11, 6. Jg, November 1960; p. 272.

Günther Fröbel (1811-1878) herdou de seu pai, em 1835, a gráfica que desde 1769 publicava o *Rudolstädter Wochenblatt*, um dos jornais mais importante do Principado de Schwarzburg-Rudolstadt. Em 1845, abriu nesta cidade uma agência de emigração na cidade que organizava viagens para a América do Norte e do Sul bem como para a Austrália. Pouco depois, em 1846, fundou o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* que, de início, era publicado uma vez por semana, depois duas vezes e, a partir de 1851, três vezes. Em 1852, sua gráfica passou a publicar folhetos gratuitos para serem distribuídos junto com o *Rudolstädter Wochenblatt*, os *Fliegende Blätter für Auswanderer*. Estes folhetos tiveram vida curta, pois além de serem gratuitos, começaram a circular sem autorização oficial trazendo logo dificuldades para seu responsável. Fröbel estava tão envolvido com a questão da emigração que, em 1855 lançou ainda *Der Pilot*, suplemento semanal do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, publicado até o ano de 1864 e destinado a entreter seus leitores por meio de poesias, cartas de emigrantes, pequenas notícias e anúncios.²¹

As atividades de Günther Fröbel despertaram desconfiança em seus contemporâneos pelo fato de ele ter sido proprietário de uma agência de emigração na cidade de Rudolstadt, a qual organizou entre 1846 e 1874 a viagem de 1264 emigrantes para vários países.²² Dizia-se, na época, que seus jornais estavam a serviço da sua agência e que ele defendia a emigração alemã para o Brasil, inclusive para as fazendas de café, visando atender a interesses particulares. Acusavam-no também de ser pago pelo governo e por particulares, brasileiros, para inserir artigos positivos sobre o Brasil e, sobretudo, sobre o sistema de parceria, além de se utilizar freqüentemente das cartas dos emigrantes que, segundo os críticos da época, teriam sido por ele manipuladas ou 'censuradas', já que só as que falavam bem do Brasil eram publicadas.²³ Para os seus contemporâneos, não era possível entender porque Fröbel, opondo-se à maioria, continuava a defender através dos seus periódicos a emigração para o Brasil.

Tive a oportunidade de consultar praticamente todos os exemplares do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* e eles me deram a impressão de estar diante de um jornal

²¹ Sobre Günther Fröbel e os seus jornais ver: Ruhe: op. cit; Bendocchi Alves: *Das Brasilienbild der deutschen Auswanderungswerbung im 19. Jahrhundert ...* p.173 - 192.

²² Ruhe: *Zur Geschichte der übersseischen Auswanderung ...*; p. 251.

²³ Ver: Kerst, G.: *Ueber Brasilianische Zustände der Gegenwart, mit Bezug auf die deutsche Auswanderung nach Brasilien ...* p. 25; H. Schentke: *Mahnruf gegen die Auswanderung nach Brasilien ...*; p. 8.

especializado de muito bom nível para a época, com informações diversificadas e precisas, com artigos críticos e bem escritos.²⁴ De qualquer forma, tal desconfiança não desmerece o trabalho do redator e o sucesso alcançado por este jornal e os longos anos de publicação são, para mim, provas disto. O fato de Fröbel ter tido sempre bons colaboradores também veio contribuir muito para o nível deste periódico. O seu primeiro redator foi George Moerner von Ross, canadense que viveu durante longo tempo nos EUA antes de morar, entre 1845 e 1852, na Alemanha e que até 1856, ano de sua morte, redigiu o jornal do longínquo Texas. Seu sucessor foi o redator Dr. J. G. Büttner que também residiu nos EUA de 1834 a 1841, mas que desde 1848 em Rudolstadt, já fazia parte da redação do jornal.²⁵ Hermann Blumenau, Friedrich Gerstäcker, Fritz Müller e outros eram os responsáveis pelas informações sobre as colônias no sul do Brasil. Podemos notar que os responsáveis pelos artigos eram homens sérios, que conheciam a realidade dos países sobre os quais escreviam e, com exceção de Hermann Blumenau, não estavam envolvidos comercialmente com o movimento emigratório. Quando era necessário, estes homens mostravam o lado negativo de alguma 'sociedade de colonização', mas nunca se posicionavam contra o país em questão. Esta posição por parte do jornal logicamente despertou animosidade de empreendedores particulares e Fröbel e seus jornais foram alvo de muitos ataques.²⁶

Acredito que o fato de Fröbel ter sempre defendido a emigração para o Brasil, deve-se mais às suas convicções ideológicas, liberais, do que aos seus interesses econômicos. Só a título de exemplo, durante a Revolução Liberal de 1848/49, sua tipografia passou a publicar o *Deutsche Bürgerzeitung* ('Jornal Alemão do Cidadão') e, um pouco mais tarde, as *Konstitutionellen Blätter* ('Folhas Constitucionais').²⁷ Ele fora provavelmente influenciado por intelectuais da época como Friedrich List, W. Roscher²⁸ entre outros que, dentro de uma perspectiva

²⁴ Somente o Museu Britânico em Londres possui todos os exemplares do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*.

²⁵ Schäfer, Peter: *Das Amerikabild in Günther Fröbel "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung", 1846-1871*; in: Mesenhöller (org.): *Mundus Novus ...*; p. 103-112.

²⁶ Ruhe: *Die "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung" - ein Presseergebnis des 19. Jahrhunderts aus Rudolstadt*. Rudolstädter Heimathefte, Heft 3/4, 22. Jahrgang, März/April 1976; p. 65 - 69.

²⁷ Ruhe: op. cit, p. 67.

²⁸ List, Fr.: *Die Ackerverfassung, die Zwergwirtschaft und die Auswanderung*. 1842; Roscher, W.: *Kolonien, Kolonialpolitik und Auswanderung*. Leipzig, 1856. A influência das teorias de Roscher pode ser notada no artigo "Der deutsche Auswanderer gegenüber den brasilianischen Kolonisationsplänen" publicado em 1857, nos números 40, 42, 43 e 44 onde o autor e sua obra são citados.



3. Rua de Rudolstadt, 1860

cada vez mais nacional, defendiam a necessidade da Alemanha possuir 'territórios ultramarinos' ou colônias econômicas e culturais²⁹ que permanecessem ligadas à 'metrópole' pela língua e pelos usos e costumes, e que viessem a desenvolver trocas comerciais, exportando para a Alemanha produtos que lhe faltavam no mercado e importando desta, produtos industrializados. List defendia a divisão do trabalho entre os países do Norte e os do Sul como algo natural e que os países tropicais - os do sul - , sem prejuízo para si, seriam praticamente obrigados a cooperar com esta divisão. Através da aquisição de colônias ou de entrepostos comerciais haveria uma troca entre a metrópole e os territórios ultramarinos levando a um aumento da navegação e do poder naval, à intensificação da indústria e ao aumento populacional. Friedrich List fez a relação entre política comercial, expansão e prosperidade nacional. Dentro desta perspectiva, ele considerava como necessidade central para as 'nações européias desenvolvidas' e para a América do Norte 'civilizar e colonizar' os países da América do Sul, da África, Ásia e Austrália. Os emigrantes alemães deveriam ir para a América do Sul, onde conservariam a sua nacionalidade e, ao mesmo tempo, contribuiriam para o desenvolvimento daqueles países. Através de uma corrente emigratória significativa, formar-se-iam, naturalmente, colônias nacionais que manteriam ligação com a Alemanha. Para Hans Fenske, List pode ser considerado o primeiro grande propagandista de idéias imperialistas na Alemanha e isto já em meados do século XIX.³⁰ É bom lembrar que na época, havia na opinião pública uma tendência imperialista forte, mas não uma política imperialista, já que ainda não existia o Estado nacional alemão.

Durante 20 anos, Fröbel manteve uma intensa correspondência com Hermann Blumenau, um homem que quis por em prática as idéias vigentes na época e realizar uma 'colonização nacional (alemã)' no sul do Brasil.³¹ Blumenau teve alguns de seus mais importantes livros impressos na gráfica de Fröbel e seus jornais forneciam, com regularidade, notícias da colônia

²⁹ Sobre esta questão ver: Sudhaus, Fr.: *Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien* ...; p. 46-54. Fenske, H.: *Imperialistische Tendenzen in Deutschland vor 1866. Auswanderung, überseeische Bestrebung, Weltmachtträume*. Historisches Jahrbuch, 1978; p. 336 - 383.

³⁰ Fenske: op. cit., p. 354 - 355.

³¹ Sudhaus, Fritz: op. cit., p. 46 - 50.

Blumenau, em Santa Catarina.³² Acreditava ele ainda, assim como Tschudi, Henry Lange entre outros, que a emigração era a única solução para diminuir o pauperismo que assolava os Estados Alemães e funcionaria como válvula de escape para impedir uma convulsão social. Além disso, Fröbel via o sistema de parceria como aquele que poderia garantir ao proletariado a sua existência livrando-o da preocupação diária com a sua sobrevivência e a de sua família.³³ Segundo ele, somente este fato já deveria pesar na balança e, para poder ter esta segurança, poder-se-ia aceitar uma certa dependência em relação ao proprietário da fazenda durante os primeiros anos. É certo que os seus jornais continham anúncios da sua agência de emigração. No entanto, uma leitura cuidadosa nos mostra que os periódicos prestaram grande ajuda aos emigrantes fornecendo informações atualizadas que possibilitavam a um camponês, de uma localidade qualquer, organizar toda a sua viagem, da sua aldeia até o porto mais próximo e de lá, com um contrato em mãos, até o destino final. É difícil acreditar que o intuito principal de Fröbel fosse induzir os emigrantes a comprarem passagens na sua agência. Sua preocupação com a sorte dos emigrantes era real e ele tinha o costume de acompanhar um grupo numeroso deles, uma vez por mês, até o porto e mesmo até o navio. Nestes casos, a viagem do grupo iniciava-se em Weimar que, desde 1846, estava ligada à rede ferroviária.³⁴ Fröbel partilhava provavelmente da idéia defendida por muitos, de que a organização da emigração deveria ajudar a diminuir as tensões sociais internas e assim contribuir para garantir a sociedade burguesa.³⁵

Günther Fröbel, através de suas publicações nunca deixou de apoiar a emigração de alemães para as fazendas de café, mesmo após a revolta de Ibicaba, quando a imprensa alemã e suíça passaram a fazer uma crítica acirrada ao sistema de parceria. Várias vezes levantaram-se em defesa dos 'escravos brancos', dos escravizados por dívida, já que o sistema e a má conduta dos proprietários das fazendas não permitiam que os parceiros conseguissem quitar suas dívidas. Fröbel publicou trechos dos relatórios dos enviados suíços Dr. Heusser e J. J. von Tschudi

³² Fröbel era agente de Hermann Blumenau na região de Schwarzburg-Rudolstadt. Ver: Bendocchi Alves, op. cit., p. 182.

³³ Ver *Fliegende Blätter* ..., n° 9, 1852.

³⁴ Ruhe: Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung ...; p. 250.

³⁵ Fenske: op. cit. p. 378.

assim como uma resenha crítica sobre o livro de Thomas Davatz.³⁶ Ele via falhas no sistema e fez vários comentários a respeito, mas apontava também falhas do lado dos colonos que, como escreveu, muitas vezes nem camponeses eram, incapazes portanto para o trabalho agrícola.³⁷ Mesmo antes da revolta, já em 1853, lembrava aos opositores do sistema de parceria, num artigo publicado no *Rudolstädter Wochenblatt* e assinado por ele, que a maioria dos emigrantes eram pessoas que já haviam decaído tanto na escala social - mendigos e pedintes - que não tinham condições de pagar a sua passagem nem até o porto mais próximo, dependendo totalmente da ajuda das suas comunidades. Fröbel então perguntava aos "filantropos" da emigração, como é que essas pessoas poderiam ser proprietários de terra, ou mesmo desenvolver atividades comerciais no Brasil, se não tinham nem condições de suprir as suas necessidades alimentares básicas. De outro lado, no seu modo de ver, achava que um fazendeiro que havia investido parte de seu capital para buscar e sustentar estes trabalhadores durante alguns anos tinha o direito de exigir que estes cumprissem a sua parte do contrato. Uma vez quitada as suas dívidas, os mesmos seriam homens livres e poderiam ir para onde quisessem.³⁸ Em relação à crítica que alguns faziam sobre as obrigações hereditárias da dívida estipuladas em contrato, lembrava que a existência ainda na Alemanha do sistema medieval de transferência hereditária e de prestação de serviço no campo e na esfera doméstica não incomodava os 'filantropos', e que esta relação não podia ser comparada àquela que se dava entre os colonos e fazendeiros pois, no Brasil, o colono entrava como parceiro na colheita

³⁶ "Der Bericht des Herrn Dr. Heusser", Allgemeine Auswanderungs-Zeitung (AAZ), N° 46, 47, 48, 49, 50, 51 de 1857; "Die Mission des Dr. J. Freiherrn von Tschudi", AAZ, 16 de março de 1860; "Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz S. Paulo in Brasilien und deren Erhebung gegen ihre Bedrucker. Darstellt von dem ehemaligen Kolonisten Thomas Davatz. Chur, 1858", AAZ, N° 28, 9 de junho de 1858. Segundo Davatz, Dr. Heusser chegou à fazenda Ibicaba acompanhado do funcionário consular Diethelm no dia 13 de fevereiro de 1857; Memórias de um colono no Brasil ... ; p. 215.

³⁷ "Die Zustände der Regierungs- und Privatkolonien in Brasilien am Ende des Jahres 1859". AAZ, N° 35, 31 de agosto, N° 36, 7 de setembro e N° 37, 14 de setembro de 1860.

³⁸ Aqui fica claro que, enquanto o colono não quitasse as suas dívidas com o fazendeiro, estava sujeito a um regime próximo ao da servidão.

gozava de total liberdade.³⁹ Também, continuava ele, não se ouvia crítica quando um alemão era obrigado a aprender dinamarquês, mas sim quando devia aprender português.⁴⁰

O jornal *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* era distribuído não só nas principais cidades alemãs como também em Londres, Paris, Zurique, Moscou, Viena, Nova York etc ⁴¹, o que mostra a importância e a credibilidade que gozava à época. De qualquer maneira, este jornal assim como o *Der Pilot*, o *Fliegende Blätter...* e mesmo o *Rudolstädter Wochenblatt*, são fontes riquíssimas para a história do movimento emigratório alemão em geral e para o Brasil especificamente. Como entre os anos de 1858 e 1863 foram publicados no *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* uma série de artigos e resenhas de livros referentes ao sistema de parceria, selecionei alguns para analisar neste trabalho possibilitando, junto com as cartas, uma melhor compreensão das idéias defendidas por Fröbel e seus colaboradores. Não entrarei no debate travado durante as décadas de 1850, 60 e 70 entre os alemães através da imprensa, pois os livros de Südhaus (1940) e de Jorge Luis da Cunha (1995) analisam detalhadamente o assunto. Por outro lado, não tenho a intenção de defender Günther Fröbel e seus jornais ou de demonstrar se tinha razão ou não. Seus jornais desempenharam um papel importantíssimo para os emigrantes no século XIX e hoje são fontes fundamentais para a história do movimento fornecendo informações inexistentes em outros documentos. As cartas dos emigrantes sobre as colônias de parceria, publicadas nos seus quatro jornais com a função de despertar o interesse do 'proletariado' sem capital, mas disposto a emigrar, vêm enriquecer ainda mais esta história.

³⁹ Sabemos que não era bem assim, mas a 'falta total de liberdade não se dava a perceber através da simples leitura dos contratos de parceria. Sobre os contratos provisórios assinados pelos turíngios ainda na sua terra, Davatz menciona que continham cláusulas bem mais vantajosas do que aqueles que "os mesmos colonos se viram persuadidos a aceitar, em Hamburgo, por ocasião do embarque e que deveriam cumprir no Brasil". Davatz dá a entender que a trapaça não era feita por Fröbel mas sim, pelos representantes da Firma Vergueiro; *Memórias de um colono no Brasil ...*; p. 85 - 86.

⁴⁰ *Beilage zum 21. Stücke des Rudolstädter Wochenblattes*, 21. Mai 1853.

⁴¹ Ruhe analisa bem a importância deste jornal em *Die 'Allgemeine Auswanderungs-Zeitung' - ein Presseerzeugnis des 19. Jahrhundert aus Rudolstadt*. Rudolstädter Heimathefte, 22. Jg., 1964; p. 65-69.



4. Rua em Rudolstadt. Ao fundo, a Porta da Cidade. 1850

2. Günther Fröbel e os seus jornais

Pouco se sabe sobre a vida de Günther Fröbel. Ele era sobrinho do grande pedagogo Friedrich Fröbel⁴², pertencia à família do revolucionário Julius Fröbel⁴³ e era filho do Professor Dr. Carl Poppo Fröbel que, em 1816, adquiriu a tipografia Löwesche em Rudolstadt. Günther Fröbel nasceu em Rudolstadt no dia 5 de outubro de 1811 e herdou de seu pai em 1834 a tipografia.⁴⁴ Era um homem de negócios inteligente e com sensibilidade para perceber os problemas sociais da sua época, em especial, a emigração, um fenômeno que, em meados do século XIX, atingiu grandes proporções nos Estados Alemães. Não sabemos ao certo quando Fröbel passou a se interessar pela sorte dos emigrantes e a exercer sua função de informante e de intermediador de passagens e contratos para estes. Podemos apenas dizer que, a partir de 1833, encontram-se anúncios no *Rudolstädter Wochenblatt* sobre livros especializados em emigração e que, em 1845, esta mesma folha passou a imprimir regularmente informes para emigrantes e anúncios de agências de emigração estabelecidas na região. Provavelmente neste mesmo ano, ele abriu sua agência em Rudolstadt, já que em março podemos ler um anúncio para emigrantes da companhia de navegação de Hamburgo, R. M. Sloman, informando que a agência de Günther Fröbel era a sua representante para a cidade de Rudolstadt e arredores.⁴⁵

Em pouco tempo Fröbel passou a ter bons contatos nos portos de Hamburgo e Bremen assim como nos de Amsterdam, Le Havre e Liverpool, neste último através da companhia de

⁴² Friedrich Wilhelm Fröbel (1782-1852) é considerado o fundador dos jardins de infância (Kindergarten). Percebeu a importância do brincar para as crianças na fase pré-escolar. Desenvolveu alguns brinquedos geométricos como esfera, cilindro, cubos etc, para que, brincando, a criança percebesse o seu universo e desenvolvesse a sua criatividade. Fundou em Blankenburg, Turíngia, o primeiro jardim de infância e, desde 1840, tinha a intenção de criar um sistema alemão de 'Kindergarten', nome dado por ele e adotado, mais tarde, no mundo todo. Ele também desenvolveu os fundamentos para a formação dos professores de jardim de infância. Brockhaus Konversations-Lexikon. Leipzig, 1902.

⁴³ Julius Fröbel (1805-1893), liberal democrata, foi membro da Assembléia Nacional de Frankfurt em 1848. Foi condenado a morte junto com Robert Blum por ter participado em Viena da 'Revolta de Outubro' sendo mais tarde perdoado. De 1849 a 1857 viveu nos Estados Unidos de onde escreveu vários artigos para o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*. Allgemeine deutsche Bibliographie. Berlim, 1968.

⁴⁴ Sobre Günther Fröbel ver: Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstadt im 19. Jahrhundert. Die Auswanderungsagenturen*. Rudolstädter Heimathefte, 10, 4. Jahrgang, Okt. 1958; p. 244-251.

⁴⁵ Op. cit; p. 246. Segundo Ruhe, entre 1835 e 1900, havia 27 agências de emigração ou intermediários no Principado de Schwarzburg-Rudolstadt. Ruhe, op. cit, primeira parte, Rudolstädter Heimatheft, 9, 4. Jahrgang, 1958, p. 214 - 219.

emigração "Union".⁴⁶ Deste modo, Fröbel acabou por montar uma boa rede de informações tão necessária para este tipo de empreendimento. Sua agência intermediava passagens e contratos praticamente para todos os países transatlânticos receptores de emigrantes, mas principalmente para os Estados Unidos, país que recebeu o maior número de alemães durante o século XIX. O editor e também redator percebeu que o movimento migratório, que aumentava anualmente, carecia de uma publicação que tratasse de todas as questões relacionadas à emigração e que fornecesse informações recentes e novas aos interessados. Havia livros que tratavam dos diversos países receptores, mas que, passado alguns anos, não serviam mais como guias confiáveis pois suas informações já se encontravam superadas. Além disso, os emigrantes alemães não eram representados nem protegidos pelos Estados Alemães, pouco preocupados com a sorte daqueles que abandonavam sua terra. Na verdade, muitas comunidades se sentiam aliviadas em se ver livres de seus conterrâneos miseráveis. Não havia ainda àquela época leis ou acordos entre os países que apoiassem ou protegessem os emigrantes, ficando estes expostos à arbitrariedade, exploração e tramóias quando, devido à falta de conhecimento do país de destino, de suas leis e de seus costumes, caíam nas mãos de trapaceiros.⁴⁷ Daí a necessidade de um jornal que se pusesse a serviço desse grupo social específico.

2. a. *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*

No dia 1º de julho de 1846 o Conselho da cidade de Rudolstadt ('Geheime Rats-Collegium') concedeu permissão a Günther Fröbel para fundar seu jornal. Assim, o primeiro número do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*⁴⁸ veio a público no dia 29 de setembro daquele mesmo ano. Neste, o editor expôs com clareza os objetivos do periódico. Ele dizia que havia uma grande quantidade de guias de viagem e de emigração, uns bons outros muito ruins sendo que, mesmo os bons, envelheciam rapidamente e os emigrantes necessitavam de dados informativos recentes e imparciais. Para ele, era surpreendente que até então não houvesse surgido um órgão que se dedicasse a esta tão importante causa e que fornecesse informações confiáveis aos emigrantes. Fröbel ressaltava que, com seu jornal, não desejava de forma

⁴⁶ Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung...*, Rudolstädter Heimatheft, 10. 4 Jg. Okt. 1958; p. 249.

⁴⁷ Ruhe: op. cit., p. 249.

⁴⁸ Tradução livre: 'Jornal Geral de Emigração'.

alguma incentivar ou estimular a emigração, mas, sim, contribuir para que a Alemanha deixasse de ser uma 'madrasta' para aqueles que buscavam e encontravam uma nova pátria no além-mar, já que nada era feito para ajudar e proteger estes 'filhos'. Desejava que o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* fosse um órgão que fizesse a ligação entre o Velho e o Novo Mundo, entre os 'filhos da pátria' que viviam no estrangeiro e os que ficaram, amigos e parentes.⁴⁹

O *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* desempenhou de uma maneira eficiente e séria a missão a que se propôs. O jornal abordava temas como: a) teoria e prática da emigração; b) exposição e descrição de regiões e áreas de povoamento mais favoráveis ou vantajosas; c) publicações de cartas de emigrantes; d) transporte e travessia marítima disponíveis e preços de passagem; e) notícias políticas das regiões de emigração quando as mesmas eram relevantes para os emigrantes; f) leis e decretos relativos à emigração na Europa e ultramar; g) estatísticas; h) anúncios e comentários sobre a literatura destinada aos emigrantes; i) anúncios de particulares.

Os temas eram tratados de maneira crítica e, entre os inúmeros artigos sobre a situação política e econômica de vários países do mundo, encontramos relatos detalhados sobre a fundação, desenvolvimento e mesmo sobre a decadência ou desaparecimento de colônias ou povoamentos. Informações sobre o clima das diferentes regiões, as moedas nacionais, conselhos ou advertências sobre um determinado país, colônia, porto ou agente também eram abordados pelos redatores que tentavam manter seus leitores, da melhor maneira possível, a par de todas as questões que envolviam o movimento emigratório. No início de cada ano, constava ainda uma lista com o nome dos navios e de seus capitães, nome do expedidor, data de partida, o número de emigrantes transportados em cada um (discriminados por sexo e por idade, isto é, entre adultos e crianças acima e abaixo de 10 anos) e o porto de destino. Na maioria das vezes, a lista era sobre o trânsito do porto de Hamburgo, mas havia outras, menos pormenorizadas, que tratavam dos transportes de emigrantes alemães realizados por outros portos como Liverpool ou Havre.⁵⁰

⁴⁹ Ruhe, op. cit., 2º parte, p. 246-247.

⁵⁰ Por exemplo, nº 6, de 5 de fevereiro de 1858, que fazia o balanço do transporte de emigrantes feito pelos portos de Hull, Liverpool e Hamburgo. Os portos ingleses eram extremamente importantes pois eram usados por muitos alemães que viajavam para os Estados Unidos. Era a chamada de viagem indireta. O nº 3, de 20 de Janeiro de 1860, dava a listagem da emigração realizada através do porto de Hamburgo durante o ano de 1859.

De 1851 até os anos de 1865, apareceram em praticamente todos os números deste jornal alguma notícia, artigo ou série de artigos, ou ainda carta de emigrantes, referentes à emigração para o Brasil e à colonização no sul. O Brasil foi muito abordado pelo jornal, pois depois dos Estados Unidos, era o segundo país de destino dos alemães.⁵¹ Esta época coincide exatamente com os anos de maior emigração para o ultramar da região do Principado de Schwarzburg-Rudolstadt. As notícias e artigos publicados são, na sua maioria, sobre as colônias alemãs baseadas na pequena propriedade como Santa Isabel em Santa Catarina, Santa Maria e Santa Isabel no Espírito Santo, Filadélfia em Minas Gerais, São Leopoldo e Santa Cruz no Rio Grande do Sul e, sobretudo, Blumenau e Dona Francisca em Santa Catarina, as duas últimas fundadas por volta de 1850 e administradas por alemães. No caso da Colônia Blumenau, os artigos e as notícias foram escritos pelo próprio Hermann Blumenau e sobre Dona Francisca, pela diretoria da Companhia Hamburguesa de Colonização.⁵² É interessante notar que, apesar de estes artigos terem sido escritos para atrair emigrantes para ambas as colônias, já que faziam parte de empreendimentos particulares, neles não se 'vendia' uma imagem muito atraente das mesmas. No 'Relatório sobre o ano de 1856' de Blumenau, por exemplo, além dos pontos positivos, seu autor aponta problemas ainda não resolvidos ou dificuldades que os emigrantes teriam que enfrentar tais como a falta de um pastor protestante e de uma igreja, a carência de marceneiros e de outros artesãos ou ainda, as dificuldades com transporte entre a colônia e a foz do rio.⁵³ A partir de meados de 1857, o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* passou a incluir nos seus artigos e comentário sobre a emigração alemã para o Brasil e o sistema de parceria devido às notícias publicadas na imprensa alemã e suíça sobre a revolta dos colonos em Ibicaba em dezembro de 1856. Tenta explicar o ocorrido e apresentar versões dos fatos por meio de diferentes autores.

⁵¹ Segundo Mönckmeier emigraram da Alemanha entre 1847 e 1910 4.274.310 pessoas das quais 3.888.767 para os Estados Unidos, 89.268 para o Brasil, 83.227 para o Canadá, 46.689 para o demais países americanos, 55.322 para a Austrália, 17.255 para a África e somente 2.909 para a Ásia. O restante, 190.873 pessoas emigravam sem destino determinado. Mönckmeier: *Die deutsche überseeische Auswanderung...*, p. 194. Nesta estatística, o autor deixa de inserir a primeira metade do século XIX quando um número grande de alemães emigraram para o sul do Brasil.

⁵² 'Die deutschen Ackerbau-Kolonien in Santa Catarina'. *AAZ*, 18 de novembro de 1859; 'Dona Francisca'. *AAZ*, 9 de novembro de 1859; 'Brasilien. Kolonie Dona Francisca. *AAZ*, 7 de novembro de 1862; 'Die Kolonie Philadelphia. *AAZ*, 17 de Agosto de 1860.

⁵³ 'Bericht über das Jahr 1856', *AAZ*, 22 de maio de 1857.

Até 1857, o sistema de parceria, como uma possibilidade para emigrantes sem condições de arcar com as despesas da sua emigração, fora tratado pelo *Rudolstädter Wochenblatt* e pelos *Fliegende Blätter für Auswanderer*. Depois do ocorrido em Ibicaba, os responsáveis pelo *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* empenharam-se em uma campanha para mostrar que o sistema tinha falhas, que tanto os fazendeiros quanto os próprios colonos tinham sua parcela de culpa nos problemas expostos e que o contrato de parceria apresentava pontos pouco explicitados gerando assim desentendimento entre as partes. Mas, na opinião dos redatores, modificações eram necessárias para suprir as falhas do sistema, porém sem a condenação mesmo que parcial, da emigração para o Brasil.

A partir de 2 de outubro de 1857 o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* passou a publicar o artigo '*Der deutsche Auswanderer gegenüber den brasilianischen Kolonisationsplänen*' dividido em quatro partes publicadas nos números 40 (2 de outubro), 42 (16 de outubro), 43 (23 de outubro) e 44 (30 de outubro). O jornal estava sob a responsabilidade do redator Dr. Büttner e o artigo, não assinado, saía sempre na primeira folha de cada número, o que nos leva a crer que o mesmo fora redigido pelo próprio Büttner. Esse artigo expõe claramente as idéias defendidas pelo jornal e, de forma inteligente, questiona as críticas que eram feitas na imprensa alemã ao sistema de parceria depois da revolta de Ibicaba. Deter-me-ei mais demoradamente no referido artigo, já que os demais, publicados posteriormente, continuaram a defender os mesmos pontos de vista nele expostos.

O redator inicia o texto dizendo que o problema da colonização e emigração alemã era, há anos, insolúvel, em vista da miséria social que atingia a Europa, isso embora o assunto fosse amplamente discutido. Insiste na posição defendida pelo jornal de que não havia um país de destino dos emigrantes que pudesse ser totalmente aconselhável ou desaconselhável, próprio ou impróprio para eles. Como os alemães não possuíam colônias para as quais os emigrantes pudessem se dirigir, teriam de escolher eles mesmos o país conforme necessidades e condições próprias de cada um. O problema da emigração tinha se tornado, com o tempo, cada vez mais difícil para os Estados e para os seus governantes, pois de início, suas causas estavam ligadas a motivos políticos e religiosos, mais tarde, porém, passando o fenômeno a atingir também a classe média que dispunha de certas posses e, logo depois, chegara ao proletariado. Vários 'práticos e teóricos' haviam feito inúmeras propostas para regulamentar a emigração, mas, segundo ele, nenhuma poderia ser implementada. O autor trata, então, do Brasil,

particularmente do sistema de parceria e da fundação da Associação Central de Colonização do Rio de Janeiro, que assinara um contrato com o governo, no qual assumia o compromisso de introduzir no país 50.000 emigrantes. Sobre este contrato, o autor critica um artigo publicado no *Allgemeine Zeitung* de Augsburg, que, não só advertia contra a emigração para o Brasil, mas também tinha o objetivo de levar os governos alemães a tomarem medidas de defesa contra a mesma. O redator passa, então, a explicar que era normal que cada país defendesse seus interesses e que era compreensível que, num primeiro momento, as vantagens coubessem ao Brasil, país tão necessitado de mão-de-obra. Entretanto, conforme as idéias de Roscher expostas na sua obra '*Die Grundlage der Nationalökonomie*', caberia aos descendentes os frutos dos esforços dos primeiros emigrantes. Caso contrário, os emigrantes alemães no Brasil teriam o mesmo destino dos emigrantes nos Estados Unidos: tornar-se-iam 'um povo adubo' ('*Völkerdünger*'), expressão usada por Roscher, segundo o texto, na sua obra '*Kolonie, Kolonialpolitik und Auswanderung*'.⁵⁴ Para ser então coerente, dever-se-ia condenar a emigração para qualquer país pois esta se constituía, do ponto de vista nacional, uma tragédia.

O que o autor considerava importante era distinguir entre os interesses dos emigrantes de uma classe média com algum recurso financeiro e os interesses do proletariado que dependia de ajuda econômica externa. Os primeiros emigravam para os Estados Unidos acalentados por duas grandes esperanças: adquirir independência econômica e as mesmas igualdades políticas e os mesmos direitos dos americanos. Já o proletariado, que apenas trocava uma dependência por outra, visava, antes de tudo, garantir sua sobrevivência no Brasil. Ressaltava que a classe média se frustraria em relação ao seu desejo de obter igualdade política e de direito e, mesmo assim, não se condenava a emigração para os Estados Unidos. Já no Brasil, os proletários tinham a sua sobrevivência garantida e, se era realmente verdade que perdiam para sempre a sua liberdade pessoal, então era obrigação chamar a atenção deles para isto. Mas, talvez fosse necessário levar em conta em relação às queixas dos colonos que, passada a preocupação imediata da subsistência, surgiam no ser humano, outras necessidades, desejos burgueses que, se não fossem atendidos, incitavam animosidade.

⁵⁴ O que o autor quer dizer é que os emigrantes alemães ajudavam os outros países a se desenvolverem. Eram como 'adubo' para as novas nações já que através dos seus esforços e trabalho 'fertilizavam' as novas sociedades.

O texto que continuava no número 42, do dia 16 de outubro, explicava a questão da naturalização dos imigrantes que, conforme a lei brasileira de 18 de setembro de 1850 (artigo 17 e 18) e os seus três artigos complementares de 16 de setembro de 1853, era permitido que os colonos adquirissem a nacionalidade brasileira após dois anos de residência no país. A única restrição prevista por lei, era a de que o naturalizado não poderia ser deputado na câmara do país. O autor dizia que nos Estados Unidos isto não era possível, voltando a comparar os dois países e questionando a falta de vozes críticas com relação à situação dos emigrantes alemães na União. Citando as idéias de Fr. J. Kruger⁵⁵, dizia que a proibição à emigração para o Brasil só levaria a uma perda dos alemães que já se encontravam por lá visto que só através da concentração de um grande número de cidadãos de mesma nacionalidade era que os emigrantes poderiam se unir e defender seus interesses e direitos. Os primeiros emigrantes teriam que estar dispostos a se sacrificar até que se atingisse um número significativo de alemães como era o caso das províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde os alemães já constituíam o sétimo ou oitavo grupo da população branca. Se fossem acrescentados a estes mais 50.000 colonos, os alemães seriam a terceira ou quarta nacionalidade nas duas províncias.⁵⁶ O autor então fazia a seguinte indagação: se dentre esses colonos, apenas 10.000 fossem de homens dispostos a pegar em armas e defender os seus interesses, poderiam eles ser oprimidos, ou mantidos sem seus direitos civis ou ainda tratados, como se dizia, como escravos brancos por um país que não possuía polícia ou força militar no entender de um europeu?

A terceira parte do artigo, publicada no número 43, dedicava-se praticamente a rebater as críticas feita pelo artigo do jornal de Augsburg à nova Associação Central de Colonização fundada no Rio de Janeiro e apoiada pelo governo brasileiro.⁵⁷ Segundo o texto do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, o fato da Associação ser composta por acionistas com fins lucrativos e de oferecer, entre outros contratos, o de parceria e o de aforamento, não significava que os colonos perderiam a sua liberdade caso não conseguissem quitar suas dívidas. O governo brasileiro era acusado no outro jornal, de intencionar uma situação de dependência, de

⁵⁵ Kruger: *Wohin soll der Deutsche auswandern? Entwurf einer deutschen Kolonial-Politik ...* 1857.

⁵⁶ É usado a noção de nacionalidade apesar de na época não existir a Nação Alemã. O que havia era uma identificação cultural e linguística, além da jurídica, entre os Estados que formavam a Confederação dos Estados Alemães (1815-1866).

⁵⁷ Sobre a Associação Central de Colonização, Lamounier: *Da escravidão ao trabalho livre ...* p. 59 - 60.

submissão dos emigrantes. O redator achava que tal situação se devia muito mais aos próprios colonos do que ao governo. Como o Brasil necessitava urgentemente de braços para a lavoura, o governo controlaria a Associação obrigando-a a arcar com suas responsabilidades para que se estabelecesse uma corrente emigratória para o Brasil. Lembrava ainda que as colônias Blumenau, Dona Francisca e outras tinham sido fundadas e estavam se desenvolvendo a partir de contratos feitos entre particulares e o governo. De outro lado, era da opinião de que uma associação de acionistas, com interesses particulares, funcionava melhor para este tipo de empreendimento do que o próprio governo. Sobre a atividade dos agentes brasileiros que, conforme o artigo de Augsburg, objetivavam atrair 80% de camponeses em 5 anos e, conforme previsto no contrato, pessoas fortes e trabalhadoras, o autor do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* entendia isto como totalmente compreensível. O Brasil precisava de mão de obra para a lavoura e era natural que não iria convidar o 'exército de advogados da colonização' ou a legião dos 'meio-artistas' ou ainda 'filósofos transcendentes'. Os Estados Unidos haviam atraído camponeses alemães que ainda possuíam na região de onde vinham algum pedaço de terra, mesmo que pequeno, para cultivar, enquanto o Brasil estaria disposto a receber uma grande parte do proletariado desempregado do campo, desprovido do mínimo necessário para viver.

No exemplar nº 44 de 30 de outubro, fora publicada a última parte deste artigo, na qual o autor ressalta que, em relação aos contratos de parceria, o bom andamento destes dependeria da integridade e da boa vontade das pessoas envolvidas de ambas as partes. Sobre a preocupação com a escravidão negra e sobre a acusação que se fazia ao Brasil de querer substituir o escravo negro pelo escravo branco europeu, o redator explicava que o governo brasileiro já havia proibido, e com sucesso, o tráfico negreiro. E, se não havia ainda acabado com a escravidão, isto se devia ao fato de que, se a abolição fosse feita de uma só vez, o país seria levado à falência, já que toda a produção ali dependia do braço escravo. Mas, a escravidão iria acabar paulatinamente nos próximos decênios e nunca tinha sido a intenção do governo substituir a 'cor da escravidão'. Ofereciam-se ao emigrante pobre subsídios que deveriam ser pagos por este com o seu próprio trabalho. Quando os críticos reclamavam que o novo sistema de colonização fazia nascer um outro tipo de escravidão, a branca, o nosso autor retrucava que isto não era proposital por parte do governo e que, pelo visto, o conceito de 'escravidão' não estava muito claro na cabeça dessas pessoas. No momento em que o trabalhador passasse a receber um salário, cessaria para ele toda e qualquer possibilidade de relação escravista; ele

seria a partir daquele momento um homem livre e este era exatamente o caso dos emigrantes no Brasil. Mas, os queixosos podiam ainda acrescentar que os emigrantes não recebiam o seu salário. Segundo o artigo, era certo que não receberiam em moeda viva enquanto não tivessem quitado os subsídios e empréstimos feitos. Por outro lado, obteriam sim os seus pagamentos, enquanto estivessem abatendo a sua dívida e de outro, enquanto estivessem provendo o seu sustento, exatamente da mesma maneira que os trabalhadores alemães nas fábricas que pediam empréstimos e que só recebiam em mãos, do seu salário, o que necessitavam para o seu sustento. O autor continuava dizendo que ambos os casos não eram ideais, mas que eram, contudo uma forma de ajuda aos necessitados. Lembrava ainda que os emigrantes também poderiam dirigir-se para as províncias do sul do Brasil e que os governos de Santa Catarina e, principalmente, o da Província do Paraná possuíam terras em abundância. Enquanto as queixas de que as terras destinadas aos emigrantes não estavam demarcadas, remetia o autor ao regulamento de 30 de 1854 que legislava sobre o assunto, sendo as reclamações por isso infundadas já que nas províncias do sul, muito recomendáveis aos emigrantes, já havia sido iniciada a demarcação.

O último ponto a ser abordado em razão das críticas feitas no artigo do *Allgemeine Zeitung* de Augsburg, estava relacionado às atividades dos agentes brasileiros na Alemanha. O autor lembra que este não era um problema só do governo brasileiro, pois 'vendedores de almas' havia para todos os países. Era da opinião de que os governos alemães deveriam tomar medidas para impedir os agentes desonestos de agirem, isso através de um controle rígido e da exigência de caução daqueles que quisessem adquirir a concessão para abrir uma agência de emigração. O governo brasileiro deveria instruir os seus cônsules para que ficassem atentos às atividades dos seus agentes. Finalizava dizendo que ameaças nestes casos não eram eficazes.

O suplemento extra do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* de 9 de fevereiro de 1858, apresenta três páginas e meia de um texto anônimo, escrito do Rio de Janeiro, que critica o mesmo artigo publicado no dia 23 de setembro de 1857 pelo *Allgemeine Zeitung* de Augsburg. Como já disse, o autor deste praticamente repete os argumentos já expostos na série de artigos acima citados. Gostaria apenas de acrescentar uma das respostas dadas pelo jornal em relação às queixas feitas pelos alemães sobre o casamento protestante não reconhecido pelas leis brasileiras. O autor achava pertinente a crítica sobre a falta de uma lei que legalizasse os casamentos protestantes ou os mistos, e dizia que já havia um projeto de lei sobre esta questão

devido este, em breve, ser apresentado na Câmara. Não aceitava a acusação de que o brasileiro era intolerante em relação às outras religiões. Segundo ele, não havia outro país católico com tamanha liberdade religiosa.

Vários outros artigos e resenhas de livros foram publicados nos anos seguintes e todos eles vão, em linhas gerais, repetir e defender as idéias expressas nestes dois grandes artigos acima mencionados, que refletem bem a posição de Günther Fröbel em relação a esta problemática. Ele acompanhava os teóricos de sua época e estava a par das principais obras que questionavam a emigração e suas conseqüências sócio-econômicas para os Estados Alemães como a de Friedrich List, W. Roscher e muitos outros. Através da discussão sobre a emigração em geral na Alemanha durante o século XIX que atingiu o seu primeiro ápice nos anos 1840, podemos distinguir três idéias fundamentais: 1. a idéia romântica e mais tarde nacional-ideológica de que a emigração em massa levava a uma sangria nacional-cultural e à perda de poder econômico e de capital; 2. de que a emigração era a única 'válvula de escape' segura contra a 'pressão' social interna causada pela explosão demográfica; 3. de que a emigração, uma necessidade sócio-política, deveria ser protegida, organizada e guiada através de leis, de uma política estatal ou de associações particulares que trouxessem vantagens para os Estados limitando as perdas econômicas e nacional-culturais em que esta implicava. Alguns chegavam mesmo a defender a fundação de uma 'nova Alemanha' no ultramar através da concentração de emigrantes alemães na América do Sul.⁵⁸

Podemos encontrar tais idéias correntes na época, presentes direta ou indiretamente nos artigos do *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*, o que nos leva a crer que Gunther Fröbel não era um agente e editor sem escrúpulos, interessado apenas em fazer negócio através dos pobres emigrantes. Com a sua agência tentava colaborar com a organização do movimento e com os seus jornais, guiar as levas de emigrantes. Por um lado, acreditava que a emigração era, momentaneamente, a única solução para a situação de penúria que atingia os Estados Alemães; por outro, achava que, já que não era possível mudar os acontecimentos, dever-se-ia tentar não perder por completo os compatriotas e a melhor maneira para isto seria formar regiões onde os alemães pudessem ficar juntos cultivando suas raízes, única forma de permanecerem ligados à

⁵⁸ Bade, Klaus: *Vom Auswanderungsland zum Einwanderungsland? Deutschland 1880-1980 ...*, p. 25-26.

pátria-mãe. Para ele, a formação de centros de imigrantes alemães contribuiria em larga escala para que estes defendessem seus direitos e construíssem uma vida melhor que aquela que um dia possuíram na Alemanha. Entretanto, Fröbel não chegou a advogar a criação de uma 'Nova Alemanha' no sul do Brasil como alguns outros. Sua preocupação também era grande com a pessoa do emigrante que não podia contar com ajuda e proteção de um governo ou mesmo de serviços consulares. Ele manteve as suas atividades como redator, editor e agente até os anos 70, isto é, até a unificação alemã quando o '*Reich*' passou a legislar sobre o assunto.

2. b. *Fliegende Blätter für Auswanderer*

Os *Fliegende Blätter für Auswanderer*⁵⁹ foram publicados, durante o ano de 1852, como suplemento do *Rudolstädter Wochenblatt*. Como todo folheto, veiculava informações sucintas, claras e objetivas sobre as viagens marítimas mais em conta, preços mais baixos das passagens e, no caso do Brasil, sobre alguma colônia no sul do país ou sobre as fazendas de parceria. O Arquivo Estadual da Turíngia, em Rudolstadt, possui apenas os números 2 (meados de junho), 4 (meados de julho), 5 (fim de julho), 7 (meados de agosto), 8 (fim de agosto) e o 9 (início de setembro) e, segundo Rudolf Ruhe, Fröbel deixou de publicá-los em dezembro do mesmo ano.⁶⁰ Pressuponho então que devem ter sido publicados entre 12 a 14 destes folhetos.

No número 2 dos *Fliegenden Blätter ...* de meados de junho de 1852, Fröbel escreve logo abaixo do cabeçalho que os folhetos seriam publicados conforme a situação demandasse. Deveriam principalmente responder às perguntas a ele endereçadas e seriam enviados aos interessados gratuitamente e livre de franquia. Explicava ainda que, enquanto o *Allgemeine Auswanderungs-Zeitung* daria instruções profundas e detalhadas sobre todas as questões relacionadas à emigração e sobre os diversos países de destino dos alemães, o conteúdo dos *Fliegende Blätter...* restringir-se-ia aos transportes marítimos mais econômicos e ao que a eles estivesse relacionado. Neste mesmo número, há uma informação sobre passagens gratuitas para vários portos destinadas a médicos desejosos de trabalhar a bordo ou a pessoas que

⁵⁹ Tradução livre: 'Folhetos para Emigrantes'

⁶⁰ Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft ...* ; p. 244-251.

dominassem bem a língua inglesa, portanto capazes de realizar um trabalho de tradução durante a viagem.

Em todos os exemplares disponíveis dos *Fliegende Blätter* ..., havia notícias gerais sobre o Brasil, sobre colônias no sul que subvencionavam o transporte dos emigrantes, ou sobre uma fazenda de parceria ou ainda, uma carta de emigrante. No nº 2, sob o título 'Sul do Brasil', havia propaganda para as colônias provinciais do Rio Grande do Sul, sobretudo para Santa Cruz. Era explicado que cada pai de família ou mesmo homem solteiro que quisesse se casar logo que chegasse à colônia, assim como cada viúva que tivesse filhos e filhas aptos a trabalharem, receberiam de presente um pedaço de terra de 100.000 braças quadradas, isso se os mesmos fossem admitidos por parte dos representantes do governo provincial e se tivessem munidos dos certificados exigidos.⁶¹ Davam-se ainda informações e conselhos práticos sobre a viagem até o Rio Grande do Sul, assim como o porto de embarque ('só por Hamburgo'), os corretores do navio ('Knöhr e Burchardt'), preço, contrato de emigração ('com o Sr. Kleudgen'⁶²), etc. Para aqueles que tivessem o desejo de conhecer melhor “aquele maravilhoso país”, Fröbel aconselhava a leitura de dois livros, o de H. Blumenau e o de Dr. F. Schmidt, publicados pela sua editora em Rudolstadt.⁶³

No nº 4 de meados de julho de 1852, encontram-se três pequenas notícias sobre o Brasil. A primeira tratava da colônia do Senador Vergueiro em São Paulo e trazia uma pequena e positiva informação sobre esta fazenda de café, ressaltando ainda a vida dos alemães ali

⁶¹ Segundo o artigo nº 8 da Lei Provincial nº 229 de 4 de dezembro de 1851, a doação de terra era feita conforme consta na nota do *Fliegende Blätter*. Mas esta vantagem recebida pelos colonos cessaria com a Lei Provincial de 30 de novembro de 1854 que determinava que a colonização do Rio Grande do Sul deveria ser, a partir daquela data, feita através da venda e não mais da doação de terras. Ver: Índice das leis promulgadas pela Assembléia Legislativa de São Pedro do Rio Grande do Sul desde o ano de 1835 até o de 1851. Porto Alegre, Rio-Grandense, 1872.

⁶² Pedro Kleudgen era agente na Alemanha do governo provincial do Rio Grande do Sul. Escreveu *Die deutsche Kolonie Santa Cruz - Provinz Rio Grande do Sul - Südbrasilien*. Hamburg, Druck von J. I. Nobiling, 1852. Um ano mais tarde surge uma segunda edição com algumas alterações no título. Ver: Borba de Moraes: *Bibliographia Brasiliana ...* Sobre a emigração alemã para o Rio Grande do Sul ver: Cunha, Jorge Luiz da: *Rio Grande do Sul und die Deutsche Kolonisation*. ...

⁶³ De Blumenau: *Südbrasilien in seinen Beziehungen zur deutschen Auswanderung und Kolonisation*. Rudolstadt, 1850; *Die deutsche Kolonie Blumenau in der südbrasilianischen Provinz Sta. Catharina. Eine genaue Beschreibung für Auswanderungslustige*. Rudolstadt, Verlag von G. Froebel, 1851; *Leitende Anweisungen nach der Provinz Sta. Catharina*. Rudolstadt, 1851. Dr. F. Schmidt: *Die geregelte Auswanderung nach Brasilien und ihr erster glänzender Erfolg. Blätter zur Bekämpfung der gegen dieses Land herrschenden Vorurtheile und zu Belehrung der dahin Auswandernden*. Rudolstadt, 1852.

estabelecidos. Segundo a notícia, o cônsul-geral Hinsch em Hamburgo poderia fornecer maiores informações e intermediar o transporte. A segunda notícia era sobre emigrantes de Holstein e da Prússia que haviam chegado bem à Colônia Independência, a 12 léguas de Petrópolis. O Sr. Valle da Gama da Fazenda Fragoso, localizada a meio caminho de Petrópolis, anunciava a feliz chegada dos emigrantes a sua propriedade, os quais haviam sido esperados por 150 muares para seu transporte. Por fim, a última notícia do Brasil era sobre dois navios que deveriam partir em agosto para o Rio Grande do Sul. Constava nesta os nomes das famílias que já haviam assinado o contrato com Fröbel para a viagem marítima.

No nº 5, do fim de julho de 1852, foi publicada a carta do capitão Saabye, endereçada ao capitão M. Valentim de Hamburgo relatando a boa chegada dos emigrantes às colônias Santa Justa, Independência e Santa Rosa, no Rio de Janeiro. Não me deterei nesta carta, pois ela faz parte do *corpus* deste trabalho. Só chamo a atenção para o fato de que o capitão Saabye escreve sobre as mesmas pessoas provenientes de Holstein e da Prússia, já mencionadas na segunda notícia do *Fliegende Blätter* nº 4. No nº 8, encontra-se uma carta de F. Roßbach, colono na fazenda Independência, que tentava rechaçar todos os clichês existentes sobre o sistema de parceria. No nº 9, de inícios de setembro, encontramos trechos de uma carta escrita por Johann Georg Bock a Michael Bock, ambos provenientes de Mellenbach. Georg Bock se estabeleceu na fazenda de café São Mateus, também no Rio de Janeiro.

No nº 7, encontram-se mais notícias da Colônia Santa Cruz no Rio Grande do Sul. Já no folheto nº 8, fora publicado o decreto ministerial bávaro que exigia que os emigrantes com destino à América do Sul fossem advertidos e muito bem informados sobre a situação política insegura na região. No nº 9, Fröbel explica as razões que o levaram a publicar cartas de emigrantes nos folhetos. As missivas eram testemunhos, achava ele, de que a humanidade não precisava se envergonhar da emigração do proletariado alemão para as fazendas de café no Brasil, pois para todos aqueles indivíduos desprovidos de meios e que se encontravam desempregados na sua 'pátria', teriam lá pelo menos uma existência despreocupada no que dissesse respeito à alimentação. Segundo ele, e as cartas podiam comprovar isso, o emigrante, sem fazer grande esforço, poderia diariamente comer com fartura.

Como os *Fliegende Blätter für Auswanderer* passaram a ser publicados sem autorização oficial e, apesar de serem folhetos, eram numerados, foram considerados como periódico

necessitando, portanto, de permissão oficial para circular. Fröbel deu a entrada às formalidades exigidas, mas acabou desistindo, pois achava o procedimento muito trabalhoso uma vez que os folhetos só lhe haviam dado prejuízo.⁶⁴ Para nós hoje, estes folhetos com características de panfleto, isto é, contendo informações sobre um acontecimento especial, marcante e, normalmente, de curta duração, são testemunhos de que a emigração em massa, em meados do século XIX, foi um fenômeno sócio-econômico distinto. Um fenômeno, que está diretamente ligado à passagem do mundo agrário para o industrial, à divisão internacional do trabalho, e que foi acompanhado na época pela expressiva edição de livros, guias, brochuras, literatura de ficção e folhetos que são hoje, além de raros, valiosos testemunhos da dimensão histórica que o movimento emigratório atingiu nos Estados Alemães.

2. c. *Rudolstädter Wochenblatt*

O *Rudolstädter Wochenblatt*⁶⁵, jornal mais antigo editado pela tipografia de Fröbel, foi fundado em 1769 com o nome de *Rudolstädtische Wöchentliche Anzeigen und Nachrichten*. Era também o periódico mais importante de toda a região de Schwarzburg-Rudolstadt e nele podemos encontrar desde 1833 anúncios de livros que tratavam da emigração. Nos anos 1840 e 50, eram inseridos regularmente anúncios de agências e de companhias de navegação como, por exemplo, da Casa Comercial R. M. Sloman, além de cartas de emigrantes ou as colunas 'Beachtung für Auswanderer' (Consideração para Emigrantes) e 'Bekanntmachung' (Aviso). Nesta última, entre outras coisas, constava o nome de cada pessoa que tinha a intenção de emigrar a fim de que a comunidade, em caso de reclamação contra a pessoa ou de alguma infração cometida, pudesse notificar às autoridades.⁶⁶ No n° 10 de 7 de março de 1846, por exemplo, apareceu na coluna 'Bekanntmachung' o seguinte:

⁶⁴ Ruhe: *Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung* ..., p. 245-251.

⁶⁵ Tradução livre: 'Semanário de Rudolstadt'. O nome original em 1769 era 'Semanário de Rudolstadt, Anúncios e Notícias'.

⁶⁶ Para se obter os documentos necessários e com isso, a permissão para emigrar, todos eram obrigados a comprovar que não possuíam dívidas, os rapazes, que haviam prestado do serviço militar obrigatório, as mulheres casadas, que estavam acompanhando os seus esposos. Os 'avisos' eram inseridos nos jornais pelas próprias autoridades que, dessa maneira, faziam um levantamento sobre aqueles súditos que desejavam abandonar a sua pátria. A liberdade de emigração foi reconhecida pelos Estados Alemães, seja nas suas constituições ou através de leis, somente em 1803 por Baden, 1815 por Württemberg, 1818 pela Prússia, 1821 por Hessen, 1831 pela Saxônia e em 1868, como o último Estado, a Baviera. Bretting: 'Die Reise'; in: Hoerde, D. und Knauf, D. (ed.): *Aufbruch in den Fremde* ..., p. 78.